

Erenice Jesus de Souza

INICIAÇÃO
À VIDA CRISTÃ
DOS PEQUENINOS

Livro do catequista



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Erenice Jesus de
Iniciação à vida cristã dos pequeninos : livro do catequista / Erenice
Jesus de Souza ; [Gustavo Montebello]. – 5. ed. – São Paulo : Paulinas,
2012. – (Coleção água e espírito)

Bibliografia
ISBN 978-85-356-3284-2

1. Catequese - Igreja Católica - Ensino bíblico 2. Catequistas -
Educação 3. Fé 4. Vida cristã I. Montebello, Gustavo. II. Título.
III. Série.

12-09639

CDD-268.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Catequistas : Formação bíblica : Educação religiosa : Cristianismo 268.3

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e Antonio Francisco Lelo*

Copidesque: *Sandra Sinzato e Marina Siqueira*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Direção de arte: *Irma Cipriani*

Assistente de arte: *Sandra Braga*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustrações: *Gustavo Montebello*

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

5ª edição – 2012

8ª reimpressão – 2022

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2010

Aqueles que realizam o trabalho,
creio que ficarão satisfeitos.

Quem pensa em iniciá-lo,
irá se sentir motivado.

Quem nunca pensou no assunto,
espero que aprecie esta vocação!

APRESENTAÇÃO

Paulinas Editora congratula a autora por sua capacidade pedagógica e seu compromisso com as crianças e com a catequese. É admirável vê-la em ação junto aos pequeninos na sala de aula e, mais ainda, coordenando a catequese na Paróquia Bom Jesus, na cidade de Franco da Rocha, bem perto de São Paulo.

Erenice é daquelas mulheres que aprenderam a não esperar que as oportunidades venham a si; mais que isto, ela aprendeu a cavar, a cultivar, a crescer, a buscar e a encontrar novos caminhos, mas com um diferencial: acredita na Palavra e tem uma fé inquieta aliada ao estudo. Tudo isto faz dela uma moça invejável, em plena fase de amadurecimento, como uma árvore frondosa que dá sombra, frutos bons e abrigo para uma ninhada de pássaros.

Este livro quer abrigar muitos pássaros. Destina-se aos pequeninos dos mais variados cantos do país que, a partir dos 6 anos de idade, começam a perguntar por Deus e a serem iniciados na vida cristã. A autora, incansavelmente, recomenda que temos que ouvi-los e levar a sério suas considerações.

Este livro nasceu da prática da autora em sala de aula – pois, até bem pouco tempo, lecionava em dois períodos para crianças dessa idade – aliada, ainda, aos conhecimentos do mestrado em Educação, como também da formação específica em muitos cursos de extensão na área da teologia e da catequese.

O resultado é surpreendente! Une a atualidade da prática pedagógica com a competência e experiência de fé da autora.

Parabéns, Erenice!

PE. ANTONIO FRANCISCO LELO
Editor assistente

INTRODUÇÃO

Em nossas comunidades, realizamos uma catequese que dedica especial atenção à educação da fé das crianças, a exemplo de Jesus Cristo que as acolheu em seu projeto de vida e lhes confiou o próprio Reino dos Céus (cf. Lc 18,15-17; Mt 19,13-15). À luz dessa imagem e à sua semelhança, há dois mil anos a catequese toma forma e afirma a importância, desde a mais tenra idade, da iniciação dos pequeninos à vida cristã.

Presentes e atuantes, as crianças seguem na caminhada e manifestam, ao longo da infância,¹ maturidades, necessidades e curiosidades que exigem constante atualização, dinamismo e criatividade dos trabalhos catequéticos, em vista da própria vivência dos valores cristãos no seio familiar e comunitário. Reconhecemos em seus pensamentos e atitudes o gosto pelo mundo que as rodeia, por tudo que possa ser aprendido, tocado, sentido e não poderíamos deixar de pensar a fé em meio a tudo isto.

Atenta a esta realidade e, conseqüentemente, aos seus desafios, este livro une-se às famílias e catequistas de norte a sul do país, com o objetivo de apoiá-los na rica missão de educar na fé os pequeninos. Busca motivar a realização dos estudos de modo aprofundado e atualizado sob as bases psicológica, pedagógica e catequética, dedicando-o a todos que *pensam* e *fazem* da catequese *caminho para o discipulado*.

Fundamentado nos estudos da Psicologia e da Pedagogia e de acordo com as linhas fundamentais da catequese a partir do Diretório Geral e Nacional da Catequese, o presente subsídio

¹ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, o período da infância se estabelece dos 0 aos 12 anos de idade.

também permite a organização de um roteiro de trabalho que favorece importantes e bonitas descobertas, uma vez que *ao reunirmos as crianças, temos a responsabilidade de mediar situações que favoreçam suas explicações sobre o mundo, valorizando seus pontos de vista, sem constranger-lhes a espontaneidade.*²

Seu diferencial encontra-se na própria consonância com as diretrizes que orientam as ações educacionais,³ particularmente no que se refere ao desenvolvimento das habilidades e competências inerentes ao desenvolvimento da criança a partir dos seis anos. Nesta idade, é possível adentrar o universo infantil de modo a garantir que as crianças expressem sentimentos, pensamentos e atitudes espontaneamente, além de favorecer a maturidade e a autonomia diante do maravilhoso mundo da leitura e da escrita⁴ que começa a se constituir.

De acordo com o próprio Diretório Geral para a Catequese, é neste momento da vida – período no qual se destaca o trabalho da Catequese infantil (de modo comum chamada de *pré-catequese*) – que “[...] nascem preciosas possibilidades para a edificação da Igreja e para a humanização da sociedade”.⁵ Daí a necessidade de um processo catequético “eminente educativo, atento a desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida e fé, tais como o senso da confiança, da gratuidade, do dom de si, da invocação, da alegre participação [...]”.⁶

Neste sentido, os encontros foram estruturados para acolher o universo afetivo e emocional próprio e criativo dessas crianças, pois sabemos que as formas como elas compreendem a Deus, dialogam com ele, realizam suas orações, conhecem a Jesus e

² GAY, R. C. *Códigos do universo infantil*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção psicologia e educação.)

³ De acordo com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil e com os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental. Brasília: MEC – Ministério da Educação, 1997.

⁴ De acordo com a Lei n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, as crianças com seis anos se encontram matriculadas no primeiro ano do ensino fundamental, medida esta que favorece a socialização e a aprendizagem de acordo com as condições oferecidas pelo próprio desenvolvimento infantil.

⁵ Cf. DGC (1997), 177.

⁶ Id., 178.

nele testemunham, necessitam ser captadas e valorizadas. Desse modo, a catequese afirma o seu lugar por excelência ao afirmar as bases de um *aprendizado dinâmico da vida cristã que favoreça o seguimento de Jesus Cristo* (cf. DNC, n. 40a) e que *desperte para o compromisso missionário com a ação sociotransformadora à luz da Palavra de Deus e dos ensinamentos da Igreja* (cf. DNC, n. 40g).

No mais, muitas são as experiências e, em cada uma delas, muito nos alegrará incentivar novas práticas e fazer adultos voltarem a ser crianças. Será com tais atitudes que sentiremos o dever cumprido, sabendo que frutos foram degustados e que sementes foram plantadas para que nossos pequeninos possam participar com autonomia e prazer, tornando-se adultos maduros na fé.

PLANEJAR A CAMINHADA

INICIAÇÃO À VIDA

Como a própria palavra “Iniciação” já expressa algumas considerações, podemos enumerar definições que nos ajudarão a compreender este fenômeno tão importante na história da humanidade.

Primeiramente, propomos a você que se prepara, a partir do estudo deste itinerário, a seguinte questão:

O que é ser iniciado?

Refleta, busque no dicionário o seu significado, resgate alguma experiência e elabore uma definição para que você possa constituir uma ideia concreta e seguir adiante.

Num grupo de formação de catequistas é sempre bom apresentar ideias para que sejam aprofundadas e façam parte da concepção de trabalho do grupo. Neste sentido, observe as considerações de um grupo de catequistas ao refletir a mesma questão:

Ser iniciado é começar a aprender alguma coisa, mas, também, pode ser um momento que exige maturidade, consciência, autonomia, no qual a pessoa tenha que decidir sobre o que fazer. No mais, concordou-se que a Iniciação exige a troca de experiências entre aquele que se torna responsável por mediar situações e um outro que deste depende para poder amadurecer.

Valiosas pesquisas nos ajudam a entender que existem variados tipos de *iniciação*, desde a iniciação religiosa, passando pela

iniciação à vida adulta e à vida social.¹ Apresentam a descoberta de um mundo novo, desconhecido, que se revela em um ritual que o torna possível, acessível. São os chamados *ritos de passagem*, que marcam o início da vida nova e, conseqüentemente, a constituição de um novo ser.

Para pensar

Em nossa vida muitas situações ocorrem e nos modificam. Elas foram expressões de ritos de passagem por vezes sofridos e tristes de serem lembrados. Por reconhecermos a importância para definição de quem somos hoje, é um bom exercício resgatar na memória algo que tenha motivado uma mudança de vida, a pensar de forma diferente, a agir com mais consciência e maturidade.

Sabemos que em todas as fases da vida acontecem sinais que revelam a necessidade de uma nova atitude, de um outro olhar sobre o mundo, sobre os outros e sobre nós mesmos, o que na infância não é, e nem poderia, ser diferente.

Com as crianças a Iniciação acontece sob variados aspectos, desde sua maturação biológica, até seu desenvolvimento cognitivo e inserção no convívio sociocultural.

No crescimento e desenvolvimento do corpo, atitudes como andar e falar são grandes caminhos de descobertas e de realizações. Necessariamente, superam barreiras e encontram outras, amadurecendo e firmando atitudes e valores para toda a vida. Sua estrutura cognitiva se manifesta na forma como pensam e se relacionam com o outro e com o mundo, adquirindo maturidade nas experiências por elas vivenciadas. A partir dos seis anos configura-se mentalmente um mundo imaginário que se situa dentro de uma realidade, elaborando hipóteses que chamam muito a atenção. Conceitos curiosos são assumidos de forma lúdica, fantástica e simbólica, de acordo com o universo da criança.

¹ Cf. LELO, A. F. *A iniciação cristã*; catecumenato, dinamismo sacramental, testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

Socialmente, as crianças participam de eventos familiares e escolares, os quais afirmam comportamentos e valores à personalidade. Estão envolvidas em um vasto campo de situações e de relações, no qual recebem forte influência dos meios de comunicação. Assistem a diversos programas de TV, ouvem músicas, dançam, brincam, “ficam de mal e de bem”, choram, riem, são sinceras, tímidas e expansivas. Por outro lado, diante de uma dura e cruel realidade, muitas trabalham, ajudando no sustento da família, e tantas outras presenciaram conflitos que marcam fortemente sua maturidade emocional. Gradativamente, as crianças realizam descobertas e, de modo peculiar, a religiosidade toma forma, manifestada tanto pelo seu imaginário quanto pelo que a família, a Igreja, a escola e os meios de comunicação têm a oferecer.

A VIDA CRISTÃ

Ser iniciado na vida cristã tem por expressão máxima o momento em que, pela água, afirma-se a própria perfeição fundada na fé. Trata-se do Batismo, que, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica, é definido como “fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito e a porta que abre o acesso aos outros sacramentos. Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus” (CIC, n. 1213).

Em nossas realidades, encontramos muitas de nossas crianças que, logo após o nascimento, foram batizadas. Seja por suas famílias reconhecerem o valor sacramental desta acolhida pela comunidade de fé e se responsabilizarem pela sua educação da fé, seja por simplesmente seguirem a “tradição”. Outras, no entanto, não foram batizadas e, ao tornarem-se membros de um grupo de iniciação à vida cristã, precisam ser sensibilizadas junto às suas famílias para assumirem este sinal de pertença ao Cristo Ressuscitado.

Há ainda o desafio de superar o impasse da catequese de iniciação por etapas, que levou à separação dos três sacramentos: Batismo, Confirmação e Eucaristia. A mútua referência que

existe entre eles leva-os a serem considerados a base sob a qual se constitui a identidade do cristão. O cristão é um ser incorporado a Cristo e participante de sua missão no mundo. Tais etapas supõem um caminho progressivo de educação da fé e o processo de Iniciação Cristã coloca-se como um caminho a ser percorrido quando tal identidade vai sendo alcançada.

A VIDA CRISTÃ DOS PEQUENINOS

Instituída no Batismo, a iniciação à vida cristã se constitui na própria adesão pessoal a Cristo, assumida com o apoio dos familiares e de toda a comunidade eclesial. Uma vez que a eles se confere o cuidado com a educação da fé, particularmente dos pequeninos, todos se tornam reconhecidamente seus catequistas e necessitam estar atentos a todas as suas conquistas e necessidades ao longo do processo.

Neste sentido, quem melhor do que a família para promover, com dignidade e fidelidade, a experiência de Deus? Consequentemente, isto exige uma maturidade que necessita ser alcançada à medida que a criança vai sendo motivada a experienciar e compreender o sagrado, acolhendo o seio da vida familiar como berço de vida e fé.

Fé e confiança são conquistadas a cada descoberta realizada pela criança que, livremente, lança mão de significados que justificam fenômenos, ações e pensamentos. Constituem uma espiritualidade sem medo, na qual Deus é um amigo, e não um castigador e opressor de vontades.

Para pensar

Um dia, num dos encontros, conversávamos com as crianças sobre a chuva. Muitas já tinham estudado algo na escola e apresentaram conceitos como a “evaporação”, de modo bastante compreensivo, assim dizendo: a água sobe, sobe, sobe, fica lá em cima e depois cai e faz chuva. Perguntamos se mais alguém poderia dizer algo sobre a chuva, ao que uma das crianças, olhando para o alto e com toda a convicção, disse: a chuva é o choro de Deus.

A criança que confia também possui um desejo natural de explorar os mistérios do universo que a cerca, de compreender os significados que eles têm para a sua vida.² As práticas de fé são compreensíveis na medida em que possibilitam à criança sentir o que nelas se manifesta, valorizando, sobremaneira, suas observações.

Vivemos novos tempos e sobre as crianças nesta fase da vida muito foi descoberto. Contamos com as importantes colaborações da Pedagogia e da Psicologia, áreas especializadas na compreensão do desenvolvimento humano, e com o próprio Diretório Nacional de Catequese.³ Com base nesses estudos, apresentaremos quem são estes pequeninos, em que etapa da vida se encontram, desvendando o universo das suas potencialidades e os desafios a serem superados.

A CRIANÇA A PARTIR DOS SEIS ANOS DE IDADE

Lançamos um olhar curioso e cheio de expectativa sobre essas crianças, valorizando suas interações e explicações sobre o mundo. Superamos a ideia da criança enquanto um “ser vazio” ou como “adulto em miniatura” e iniciamos um processo de fortalecimento das suas potencialidades, compreendendo-a na dinâmica de um contexto sociocultural no qual ela reage e manifesta seus gostos e desapontamentos, afirma opiniões, infere e elabora hipóteses.

Atentos a isso e com base nas pesquisas realizadas por Jean Piaget e Lev Vygotsky,⁴ Maria Montessori,⁵ Tiziana Aureli,⁶ Rolando Martiña⁷ e Rita Cialfi Gay,⁸ podemos traçar o seguinte quadro:

² Cf. GAY, R. C. *Códigos do universo infantil*. São Paulo: Paulinas 2005. pp. 143-148.

³ Cf. capítulo 6, Destinatários como interlocutores no processo catequético.

⁴ Grandes estudiosos nas áreas da epistemologia do conhecimento e da aprendizagem, responsáveis pela compreensão aprofundada das bases psicológica e educacional humana.

⁵ Educadora e médica italiana que buscou defender o respeito às necessidades de cada criança, de acordo com os estágios de desenvolvimento correspondentes a sua idade. Cf. ACOFO-REC – Associação Colombiana para a Formação Religiosa Católica. *O potencial religioso da criança*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção Deus e a criança.)

⁶ Cf. AURELI, T. *A observação do comportamento da criança*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção psicologia e educação.)

⁷ Cf. MARTIÑA, R. *O que fazer com as crianças?*; Educação convencional: um programa para adultos. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção psicologia e educação.)

⁸ Cf. GAY, R. C. *Códigos do universo infantil*, cit.

Características	A partir dos seis anos
Pensamento	<p>A variedade de estímulos é importantíssima para o seu desenvolvimento intelectual.</p> <p>A curiosidade a leva a interagir com facilidade e tem muitas habilidades cognitivas desenvolvidas, que, com o passar do tempo, afirmam autonomia em seus sentidos e na comunicação.</p> <p>É capaz de representar mentalmente objetos ausentes, o que lhe permite iniciar a utilização de símbolos.</p> <p>Capta situações em sua mente e guarda imagens refletidas a partir das experiências vivenciadas.</p> <p>Elabora explicações e se convence facilmente sobre o que lhe é dito.</p> <p>Possui dificuldade na tomada de decisões, quando tem que escolher entre possibilidades.</p>
Linguagem	<p>Seu vocabulário é bastante rico.</p> <p>Está sempre falando (um exemplo disso é quando está brincando).</p> <p>O sentido do outro, o bom funcionamento da audição e da fala e o desejo de comunicar são elementos essenciais para que ela se desenvolva.</p>
Imaginação	<p>A imaginação está fortemente ligada a elementos fantásticos e à realidade que a rodeia, e acredita fielmente no que lhe é contado.</p> <p>Adora histórias exageradas e nelas mantém grande atenção.</p>

Processo de aprendizagem	<p>Gosta de desenhar: seus primeiros rabiscos e garatujas vão evoluindo para esquemas e representação da realidade, do modo mais completo possível.</p> <p>Percebe que há uma ordem e uma relação entre as coisas e as atitudes, adquirindo segurança nas realizações.</p> <p>Momento ideal para iniciar os estudos, porém, com base em experiências concretas.</p> <p>Capta, percebe e absorve a imagem das coisas utilizando seus sentidos, instrumentos de sua inteligência.</p> <p>Quer conhecer tudo através de seus sentidos, quer pegar e explorar tudo o que lhe proporciona conhecimento e adaptação.</p>
Personalidade	<p>São estabelecidas as bases de toda a estrutura psíquica do ser humano que a acompanharão por toda a vida.</p> <p>Começa a compreender a si mesma e já não se contenta em reproduzir modelos. Cria e aprecia posturas.</p>
Autonomia	<p>Expressa necessidade da independência, de fazer as coisas por si mesma, sem que um adulto interprete ou realize seus desejos.</p> <p>Afirma aceitação e satisfação.</p>
Moralidade	<p>Os valores morais são os de seus pais. A criança nesta idade compreende a definição de um ato por “certo” ou “errado” de acordo com as consequências, e não por simples abstração do que pode ou não pode fazer.</p>
Sexualidade	<p>Assume sua identidade sexual.</p> <p>Volta-se para aquisição de habilidades e valores sociais e culturais.</p>

Comportamento	<p>Com a socialização bastante enriquecida, procura aceitar a participação do outro e se organiza em pequenos grupos.</p> <p>Incorpora gestos, expressões e linguagens de acordo com o ambiente em que se encontra.</p> <p>Necessita estar em constante atividade, uma vez que suas ansiedades em conhecer e construir estão em evidência.</p> <p>Por meio do movimento, interage com o outro e com o ambiente.</p> <p>Afirma a importância de seu corpo e de sua consciência sobre ele na relação com o mundo.</p>
Potencial religioso	<p>Baseia-se na escuta do seu mundo e de sua imaginação, uma vez que a relação com Deus é algo revelado por ela própria.</p> <p>Manifesta curiosidade e gosta de conhecer as histórias e participar dos gestos rituais, os quais exercem grande fascínio.</p> <p>Sua autonomia e dinamismo apresentam expressões marcadas pela sinceridade, encantadas por um relacionamento com Deus gratuito e criativo.</p> <p>Compreendem com facilidade o significado do transcendente, como se não houvesse barreira entre o visível e o invisível.</p>

Consequentemente, saber como a criança pensa, conhecer a estrutura da sua linguagem, da sua imaginação e do seu processo de aprendizagem, bem como ter clareza na constituição da sua personalidade, do nível de autonomia e de dependência que refletem na construção da moralidade, da sexualidade, dos comportamentos e no próprio desenvolvimento do seu potencial religioso, requer atenção e disposição para um encontro que faremos tanto com as crianças quanto com nós mesmos, uma vez que passamos por essa fase da vida e sabemos o quanto ela nos remete às mais variadas recordações.

Para pensar

Chega o momento de resgatarmos em nossa infância o modo como nos comportávamos, reagindo ao mundo que nos envolvia. Quais experiências nos foram marcantes a partir dos nossos seis anos de idade?

Como bem afirmamos, esta é uma fase da vida em transição, na qual é possível observar, a partir da compreensão dessas características, que desde o nascimento estão presentes as mais diversas experiências. Elas se traduzem em elementos positivos e significativos para um desenvolvimento pleno e, caso isto não ocorra, encontramos dificuldades que exigirão o planejamento de um trabalho que atenda às necessidades destes pequeninos para que possam alcançar com maturidade a sua iniciação à vida cristã.

Sabendo quem são esses pequeninos, necessitamos agora pensar no que fazer uma vez descobertas as peculiaridades deste processo de iniciação à própria vida e à vida cristã. Chega, portanto, o momento de o catequista desenvolver uma formação coerente com as capacidades manifestadas por essas crianças, dinamizando um processo de educação da fé que, ao mesmo tempo, potencialize a linguagem, a criatividade, a sensibilidade, a autonomia, o comportamento, os valores, a personalidade e o pensamento desses pequeninos.

Sigamos para o contexto da formação, do planejamento e da metodologia aqui propostos.

FORMAÇÃO DO CATEQUISTA

Para começo de conversa

Por que sou catequista e quais são as minhas motivações na missão de iniciar os pequeninos na vida cristã? Neste momento, os catequistas necessitam ter bem claras as próprias motivações ao assumir a missão. Compartilhar experiências, desafios e aspirações é o primeiro passo para que o grupo sinta-se motivado a adentrar tão vasto e rico universo eclesial.

Essas crianças esperam algo de nós, e o que temos a oferecer? Como nos preparamos para acolhê-las? Queremos estar com elas? Temos o pique necessário para acompanhá-las? Somos capazes de responder ao que nos perguntam? Como bem ilustra o Pe. Zezinho em uma de suas canções:

Um dia uma criança me parou,
olhou-me nos meus olhos a sorrir.
Caneta e papel na sua mão,
tarefa escolar para cumprir...
E perguntou no meio de um sorriso,
o que é preciso para ser feliz.¹

Por ser uma etapa muito importante, ela se torna um convite para a realização de uma análise sobre as condições da formação, *tanto assumida pelo catequista quanto a ele oferecida*. Muitas são as realidades nas quais nos encontramos e, conseqüentemente, muitas também são as necessidades e conquistas realizadas, o que faz este momento ser cuidadoso e ao mesmo tempo desafiador.

¹ PE. ZEZINHO. Amar como Jesus amou. In: *12 sucessos*. São Paulo: Paulinas-COMEP, 2009. 1 CD.

Para auxiliar na realização desta tarefa, elencamos itens aos quais cabe ao catequista perceber como se fazem presentes tanto na prática de formação do grupo quanto na dinâmica assumida por ele. Isso demanda consciência pessoal e exige mudança de posturas, bem como maturidade para reconhecer o quanto já se sabe e o quanto ainda é necessário saber, o que precisa mudar e o que precisa permanecer.

Análise:

- Ser catequista por obrigação, por não ter outra coisa para fazer ou por vocação?
- Conteúdo da fé: caminho a ser construído ou regras a serem depositadas na cabeça e cumpridas?
- Estudo bíblico: é necessário ou não é possível ser realizado com crianças nesta idade?
- Oração: conversa com Deus ou repetição de fórmulas?
- Encontros de formação e troca de experiências ou aula?
- Planejamento dos encontros com as crianças ou mera aplicação do “livrinho”?
- Deus revelado ou imposto de acordo com uma visão adulta?
- Família: primeira catequista ou desestruturada?
- Práticas de fé para manter a tradição ou experiências para amadurecer a cada dia?
- Formação permanente ou realização de encontros sem objetivos claros?
- Conhecimento da mensagem cristã ou mera assimilação de doutrina?
- Vida-testemunho ou vida de aparências?

- Igreja-comunidade ou mais uma das muitas instituições?
- Espiritualidade ou superstições?
- Problemas sociais assumidos e discutidos ou desconsiderados?

Não basta ao catequista deter o conteúdo da fé e depositá-lo nas mentes dos catequizandos, muito menos nessa idade. Exigir que as crianças sentem, escutem, não questionem e forcá-las a imitar falas e expressões não favorecem o trabalho e ocasionam um grande desencontro com a própria essência da iniciação à vida cristã. Cada nova turma exige aprimoramento, dinamismo e o despertar de criatividade que, muitas vezes, nem mesmo sabíamos ser capazes de realizar.

Na descoberta o catequista se descobre como educador da fé, afirma-se no seio da comunidade. Desafiado e motivado, busca uma formação permanente e nisso se constitui a maturidade cristã do testemunho da vida pessoal na identidade de fé. Realizado humana e espiritualmente, o catequista assume sua vocação de anunciador do Evangelho e, bem formado, se dirige à comunidade para celebrar, participar e preparar os encontros, algo imprescindível.

O catequista busca livros, vídeos, cursos e formações periódicas, de modo a garantir a realização de um trabalho bem fundamentado e atualizado. Renova sua espiritualidade com orações cada vez mais profundas, meditações e trocas de experiências inspiradoras. Realiza tudo isto na urgência de uma catequese viva, com agentes criativos e abertos a novas perspectivas, coerentes com as necessidades.

Mas será que isto realmente acontece?

Para que isto aconteça, a formação do catequista deve ter por base a leitura e o estudo aprofundado.

Fundamentar-se para anunciar a fé e trocar experiências com seus pares, participar das reuniões e encontros de formação, estar aberto às discussões e novas propostas não é uma tarefa fácil e não pode ser algo imposto por alguém que pensa ter este direito.

Aberto às expectativas do trabalho catequético e compreendendo que sua vocação o configura na pessoa do Cristo que acolhe os pequeninos, o catequista deve ser motivado para que no trato desta fase da vida:

- *Se torne sensível* ao que a criança apresenta: valorizar a forma como ela pensa e realiza o proposto.
- *Refleta* sobre o que a criança fala e faz, conversando com ela e compreendendo seus pensamentos e atitudes.
- *Adentre o universo infantil*, voltando a ser criança. Agir com a maturidade e simplicidade sobre as quais a criança deposita confiança.
- *Transmita de forma lúdica e segura* o trato com o conhecimento, apresentando o conteúdo da fé como algo possível de ser conhecido, refletido e construído.
- *Planeje atividades* que considerem o tanto que a criança já sabe e o quanto precisa aprender.
- *Favoreça a construção de atitudes e de valores* por meio de experiências concretas sejam elas brincadeiras, jogos, danças, teatros, visitas, discussões em grupo, ilustrações etc.

De acordo com o catequizando, é necessário se preparar. Anos de experiência fortalecem o catequista para que, a cada turma, um novo desafio seja assumido e descobertas sejam realizadas. Necessariamente, compreender o catequizando é a chave para que o catequista possa trabalhar de modo a desenvolver-lhe as potencialidades e, conseqüentemente, as próprias.

A formação do catequista contempla três dimensões muito importantes: o *ser*, na qual se define a importância da construção da sua identidade do catequista; o *saber*, que consiste na identidade fortalecida pelo saber evangélico transformado em valores a

serem professados na vida, e o *saber fazer*, pautado na organização e no dinamismo dos encontros.²

Ser, saber e saber³ fazer expressam o dinamismo do catequista como discípulo e missionário de Jesus Cristo. O tripé da formação aprofunda o estudo da fé, tanto por gosto quanto por necessidade de compreendê-la e de buscar razões para crer.

² Cf. NUCAP. *Iniciação à Eucaristia*. Livro do catequista. São Paulo: Paulinas, 2008. nn. 18-20.

³ Cf. DIRETÓRIO NACIONAL DE CATEQUESE. *O perfil do catequista*. São Paulo: Paulinas, 2006. nn. 261-277k. (Documento da CNBB 84.)

PLANEJAMENTO

Como já foi afirmado, é imprescindível o planejamento do trabalho a ser realizado, e cada um de nós, ou dos grupos que participamos, organiza o trabalho de uma determinada forma. Isto necessita ser assumido.

Afirmada a importância do conhecimento sobre as particularidades do catequizando e determinada suas especificidades na formação do catequista, devemos ficar atentos aos temas a serem trabalhados, aos objetivos a serem alcançados, à linguagem a ser desenvolvida, às atividades a serem propostas e aos recursos a serem utilizados, bem como à definição de uma avaliação necessária para que etapas sejam vencidas e outras, conquistadas.

É preciso ter bem claro que o conhecimento sobre o catequizando é fundamental para que o trabalho aconteça. Por isso reafirmamos a importância de um estudo aprofundado sobre as características do seu desenvolvimento. Nelas, todo o conjunto educacional toma forma e será possível atender às expectativas de iniciação à vida cristã destes pequeninos.

TEMAS E CONTEÚDOS

Para a organização do planejamento da ação catequética, são apresentadas cinco unidades temáticas bem específicas, fundamentadas e organizadas na composição de um itinerário de fé. Elas integram anúncio, celebração e vivência do mistério da fé ao momento em que as crianças necessitam adquirir valores e convicções que orientem a sua existência.

Cada uma das unidades, por sua vez, é composta de cinco temáticas que valorizam a realidade do catequista e de seu grupo, possibilitando ajustes a partir do proposto, o que é muito bom. São elas:

UNIDADE I – Olha eu aqui!

Eu entrei na roda...

1. Ser criança
2. Ter família
3. No dia a dia...
4. Aprender a ser
5. Quero ser...

UNIDADE II – Eu com os outros

Oi bota aqui, oi bota aqui o seu pezinho...

6. Preciso de ti
7. Cada um tem o seu jeito
8. O mundo é cheio de gente
9. Aprender a conviver em comunidade
10. O lugar onde vivo

UNIDADE III – A vida que temos

Era uma casa muito engraçada...

11. Como vivo
12. Do que sinto falta
13. O que não pode faltar
14. Aprender a viver
15. Problemas e soluções

UNIDADE IV – Descobertas e curiosidades

Se esta rua, se esta rua fosse minha eu mandava...

16. Sobre a criação

17. Sobre quem somos e o que fazemos
18. Meus porquês
19. Aprender a pensar
20. O mundo dos símbolos

UNIDADE V – A vida cristã

Noite feliz, noite feliz...

21. Conhecendo alguém muito especial
22. Os ensinamentos de Jesus
23. Histórias bem contadas
24. Aprender a crer
25. Ser Igreja

Finalizando, a cada unidade também são apresentadas sugestões de encontros com os familiares, dinamizando o processo formativo do educando na fé, bem como de celebrações que afirmam a unidade catequese-liturgia, tão necessária à formação plena dos catequizandos.

Cabe ao catequista a organização de um planejamento que afirme a identidade do seu trabalho. Cada encontro se traduz em muitas possibilidades e o que apresentamos são subsídios a serem ampliados com as ideias e experiências do grupo.

OBJETIVOS

Cada unidade apresenta objetivos articulados no estudo de cada tema, assim definidos:

- Proporcionar à criança conhecimento dos elementos que constituem a sua identidade, desenvolvendo atitudes de interesse e de cuidado com ela mesma e com o próximo.
- Construir bases sólidas sobre o valor da família, berço das primeiras aprendizagens.

- Valorizar a existência do outro e as trocas de experiências com ele realizadas, ampliar sua socialização, afirmando-a na vivência dos valores cristãos.
- Apresentar e vivenciar os valores cristãos de modo prático, refletindo-os nas experiências de vida.
- Sensibilizar o olhar sobre o aprender a ser, expresso nas atitudes e nos valores presentes na vida.
- Ampliar as possibilidades de expressão e de comunicação, valorizando o olhar da criança sobre o mundo.

LINGUAGEM

Devemos conversar com as crianças, motivando-as a se expressarem oralmente. Para elas, a fala é um campo de domínio comum e por meio dela expressam ideias, lançam questões, afirmam hipóteses e demonstram quanto a maturidade está desenvolvida. Muitas são tímidas e outras, muito falantes. Cabe ao catequista mediar situações nas quais as crianças possam captar ideias e tornar a fala um recurso para sua aprendizagem.

ATIVIDADES

Por serem falantes e “movidias a todo vapor”, precisam de atividades diversificadas, que possibilitem expressões verbais, visuais e corporais de variados níveis e estilos. Precisam ter educada a sensibilidade, o autocontrole, o silêncio, o tom da voz, a atenção à própria rotina para dela poder se apropriar. São muitos os temas sobre os quais as crianças se interessam e a organização das atividades deve, progressivamente, proporcionar:

- a realização do trabalho de forma integrada e coletiva;
- a valorização das potencialidades individuais;

- a garantia da expressão verbal, ajudando a criança a organizar o pensamento;
- o desenvolvimento de registros por meio de desenhos, escritas, apoiados pelo catequista – já que se trata de uma fase em processo de alfabetização –, considerações orais, apresentações de vivências;
- a realização de experiências;
- a troca de informações em rodas de conversa;
- a leitura realizada com elas, por elas e para elas;
- a confecção de murais;
- a organização de teatros, jograis, coral, danças;
- a realização de retiros espirituais de modo a aguçar os sentidos;
- contato com elementos naturais;
- realização de excursões, passeios, visitas a pessoas e lugares;
- a participação nas práticas de fé – romarias, rezas e festejos.

RECURSOS

Os mais variados recursos devem possibilitar a manipulação e confecção de materiais nos quais as crianças possam compreender concretamente os seus objetos de estudo.

É fundamental que as crianças possam ouvir, falar, concordar, discordar, recortar, colar, amarrar, pintar, pesquisar... Trazer folhas prontas para que elas preencham não lhes possibilita uma compreensão profunda sobre o que realizam. Devemos, sim, confiar na autonomia do grupo e nas potencialidades de cada um, ajudando na descoberta do que podem fazer para construir coletivamente.

AVALIAÇÃO

As crianças nesta fase da vida expressam por meio de todos os sentidos as suas aprendizagens. Não apresentam o que conseguiram e o que não conseguiram aprender num determinado momento, mas, sim, a todo o momento. Pensar em avaliação na catequese é propor uma revisão constante das propostas, de modo que elas possam ser reestruturadas para garantir o alcance dos objetivos a cada unidade temática proposta.

METODOLOGIA

Neste momento surge a preocupação com o modo de fazer e, conseqüentemente, com o modo de ser da iniciação dos pequeninos à vida cristã.

Afirmamos que não basta *transmitir* o conteúdo da fé. Reconhecemos ser ele a fonte da qual emergem as experiências da iniciação à vida cristã, da mesma forma como também sabemos da necessidade de *meios* para que ele seja vivenciado e compreendido.

É preciso *ter jeito* no trabalho com as crianças, conquistar o seu carinho e confiança para que a mensagem cristã toque-lhes o coração. Este *jeito*, ao qual nos referimos, se configura na própria acolhida e desejo de estar junto com estes pequeninos, na dedicação a ensinar-lhes e com eles aprender, na certeza de que discípulos missionários estão sendo formados e que tudo deve ser muito bem dito e preparado em vista de uma consciente adesão ao Cristo, na medida certa do que as crianças precisam saber.

Considerações sobre os recursos a serem utilizados, os objetivos da aprendizagem, a interação/integração proporcionada ao grupo, por exemplo, são abordados a cada encontro, esclarecendo aos catequistas as práticas e concepções a serem assumidas passo a passo. Nisto se baseia a metodologia aqui assumida: propriamente na manifestação de uma atenção muito especial sobre a maneira de ensinar que cristãmente se manifesta em cada um de nós.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO CATEQUÉTICO

Cabe ao grupo de catequistas, junto à coordenação, definir o plano de desenvolvimento catequético do grupo, considerando com bastante atenção:

1. Os catequizandos: faixa etária, formação dos grupos, estudo de suas características psicológicas, principais necessidades, o que já sabem fazer e o que precisam aprender.

2. Os estudos: aprofundamento dos estudos do catequista sobre o itinerário – seus temas, orações, cânticos, dinâmicas, vivências e celebrações – e outras fontes a serem utilizadas.

3. A duração do processo: o trabalho de iniciação à vida cristã dos pequeninos apresenta uma particularidade interessante: considera a fase do desenvolvimento na qual a criança se encontra, ou seja, a partir dos 6 anos, uma vez que as atividades são propostas para o modo como ela sente e expressa o mundo à sua volta.

4. A prática dos encontros: de modo que o catequista possa desenvolvê-lo com autonomia, garantindo identidade ao seu trabalho e sobre o qual a criança tenha total participação.

5. A avaliação: momento em que o grupo de catequistas se reúne para conferir o que foi feito e o próximo passo a ser dado. Para tanto, é necessário acompanhar o trabalho durante um determinado período, seja a cada mês, bimestre ou semestre, com momentos específicos de formação, tais como:

- Planejamento dos temas a serem estudados, bem como da didática a ser aplicada nos encontros.
- Trocas de experiências.
- Avaliação das conquistas e dos desafios.
- Participações na liturgia.

Atuação junto às crianças, com interação entre os grupos (reunindo as comunidades da paróquia ou até mesmo entre paróquias) com a realização de gincanas, tarde de louvor, oficinas...

- Visitas em asilos, abrigos, hospitais, cemitérios, à casa de pessoas da comunidade...
- Organização de retiros e passeios.

- Acompanhamento individualizado, com conversas na qual a criança possa dizer o que sente, deseja, receia.

DIDÁTICA DOS ENCONTROS

Cada unidade temática se encontra dinamizada com propostas de atividades que possibilitam a participação das crianças de acordo com as suas potencialidades.

Nesse sentido, apresentamos o seguinte roteiro:

- Materiais: com a relação dos objetos e materiais que serão utilizados no encontro.
- Preparando o ambiente: com orientações sobre a forma como o local do encontro deve ser organizado a partir da temática de estudo.
- Acolhida: com sugestões que valorizam a presença das crianças e dos catequistas junto ao grupo.
- Oração: com motivações à vivência e expressão da fé, baseada no contexto de estudo.
- Vivência: prática voltada para a contextualização da vida a partir da própria compreensão dos valores da vida cristã.
- Reflexão sobre o tema: oportunidade para que as crianças possam apresentar ideias, aprofundar a compreensão e serem acolhidas e orientadas pelo catequista em suas observações.
- Partilha: ocasião para a troca de experiências.
- Compromisso: momento em que todo o grupo se compromete com a realização de um gesto concreto, em vista da atuação na vida da comunidade.
- Celebração: momento de agradecimento pelo encontro realizado.

Sugerimos atividades complementares, a serem analisadas e realizadas da melhor maneira possível, de acordo com as possibilidades do ambiente no qual o grupo se encontra. Ao grupo de catequistas, afirmamos a importância de uma sequência de ações que favoreçam a participação das crianças, ampliando o rol de atividades propostas o quanto for necessário. O presente subsídio expressa a crença no potencial dos catequistas ao planejarem o seu trabalho.

LIVRO DO CATEQUIZANDO E DAS FAMÍLIAS

Aos catequizandos, apresentamos um material interativo, composto de atividades que poderão ser desenvolvidas individualmente, em grupos e com a família. Nele serão valorizados os seus conhecimentos e acolhidas as suas expectativas em relação à fé que motiva a caminhada.

À família, primeira catequista por excelência, por sua vez, oferecemos subsídios que auxiliarão na realização do seu trabalho. Desta forma, será possível a análise da sua estrutura, seus pontos positivos e os desafios a serem superados, buscando uma convivência saudável no seio familiar, longe das discussões, das brigas, das drogas, das separações, das angústias e das imprecisões que tanto afetam o desenvolvimento infantil.

UNIDADE I



OLHA EU AQUI!

EU ENTREI NA RODA...

SER CRIANÇA

Objetivo

Valorizar a criança, conscientizando-a da importância da sua presença e participação.

Materiais

Jogos/brinquedos; cartazes com imagens cotidianas, envolvendo crianças; velas; crachás; fitas coloridas; papel sulfite ou cartolina; lápis de cor ou canetinhas coloridas; lanche.

Preparando o ambiente

Deixar os brinquedos/jogos à disposição: bola, corda, amarelinha, pião, carrinho, boneca.

Colocar músicas infantis (som ambiente).

Decorar a sala com os cartazes.

Acender a vela em lugar seguro e visível.

Acolhida

À chegada das crianças, o catequista deseja-lhes boas-vindas. É importante dirigir-se às crianças olhando em seus olhos e afirmando a alegria da presença delas.

É entregue a cada criança um crachá com o nome e uma fita colorida, que deverá ser amarrada no pulso.

Livremente, as crianças escolhem o que jogar/brincar até que todos cheguem.

As famílias podem ser convidadas para participar, desde que deixem as crianças agirem com autonomia.

Oração

O som é desligado. Com o grupo presente, o catequista convida as crianças para que se reúnam ao seu redor. Com alegria, as crianças são cumprimentadas como grupo, um grupo de catequese. As crianças são convidadas a darem as mãos. O catequista novamente agradece a presença delas, pedindo que cada uma diga o nome para que todos ouçam. O catequista reforça que a presença de cada um é muito importante e que um deve ajudar o outro para que todos possam fazer muitas coisas e aprenderem juntos. Ainda de mãos dadas, todos proclamam:

Obrigado, Senhor, por estarmos aqui! Somos tuas crianças e com alegria estamos aqui!

Vivência

As crianças são orientadas a sentar e refletir:

É bom ser criança?

Cada criança é convidada a dar sua opinião e justificá-la, e todas são orientadas a prestar bastante atenção para compreender o colega. Quando questionadas, algumas crianças participam espontaneamente; já outras, até porque o ambiente é novo, ficam envergonhadas. Todas devem ser respeitadas em sua dinâmica diante do grupo, de querer ou não falar nesse momento.

Importante!

Algumas crianças podem dizer que *ser criança é algo ruim* e que gostariam de crescer logo para trabalhar e ganhar dinheiro para comprar o que quiserem. Se houver esse tipo de opinião, o catequista deve orientar todo o grupo para que perceba que nessa fase da vida muitas coisas boas podem acontecer e que é preciso vivê-las, de forma saudável e festiva, com a família e os amigos.

Reflexão sobre o tema

O catequista deve pedir ao grupo que observe os cartazes contendo imagens de crianças em diversas situações, tanto boas

(brincando, comendo...) quanto ruins (alguém dando bronca, chorando...). Perguntar o que veem, se já passaram por alguma situação parecida. Explorar com o grupo as considerações, deixando que as crianças falem.

Para ilustrar, sugerimos as canções “Viva a criança”, do CD Tra-la-lá vamos comemorar, e “Tempo de criança”, do CD Palavras mágicas, ambos de Paulinas-COMEPE, que podem ser adquiridas do site <www.paulinascomepe.org.br>.

Partilha

Para melhor refletir sobre o assunto, propor que as crianças formem duplas, de acordo com a cor da fita colocada no pulso. Cada dupla ficará responsável por apresentar uma *coisa boa* de ser criança por meio de desenhos. O catequista dispõe para cada dupla canetinhas, lápis de cor e papel (cartolina ou sulfite) para a realização do trabalho. Os trabalhos prontos poderão ser afixados em painel, sob o título *É bom ser criança*, para que todos vejam.

Compromisso

Assim como no grupo de catequese, as crianças irão vivenciar muitas experiências, afinal, no dia a dia acontece muita coisa. O catequista deve solicitar que observem as mais diversas situações que envolvem a participação de crianças, como, por exemplo, em filmes, desenhos, novelas, na rua ou em casa, para serem apresentadas no próximo encontro.

Celebração

O catequista entrega uma vela para cada criança. Convida-as a se reunirem próximo à vela que se encontra acesa no ambiente do encontro. Pode perguntar sobre o objeto, onde já o viram, para que serve...

Simbolicamente se diz que cada criança é como uma vela que precisa ser acesa para ter vida. O que acende cada um de nós são as brincadeiras, a boa alimentação, a saúde, a escola, a família que temos. Cada criança acende a sua vela e agradece por algo que gosta muito, dizendo:

Nosso Deus, muito obrigado... (e cada criança diz o que lhe é importante agradecer e apaga a sua vela).

Todas são convidadas a compartilhar o lanche ao final do encontro.

Sugestão

O catequista pode fotografar as crianças e montar um painel sob o título *Olha eu aqui!* para expor à comunidade.